

# «A corrida às aposentações é um desastre para o País»

*O aviso é de Bettencourt Picanço, presidente do STE. Em média, têm-se aposentado 24 mil trabalhadores por ano na AP. Cerca de 25 por cento têm sido pensões antecipadas*

ANA CLARA

**D**E 2002 a 2006 aposentaram-se, em média, 24655 trabalhadores por ano. Os dados são do Sindicato dos Quadros Técnicos do Estado que garante que «as pensões antecipadas, em 2006, representaram 29,5 por cento do total».

Em 2007 aposentaram-se 19087 trabalhadores. Destas pensões, 21,9 por cento foram pensões antecipadas (4180). Em 2008 prevê-se que se aposentem 23 mil trabalhadores. E que destas pensões cerca de 30 por cento sejam antecipadas (6900).

Quem o diz é **Bettencourt Picanço**, presidente do Sindicato dos Quadros Técnicos do Estado (STE), explica a «O DIABO» esta evolução.

«A corrida às aposentações é uma situação dramática para os trabalhadores e um desastre para o nosso País», começa por afirmar **Bettencourt Picanço**, garantindo que «para os trabalhadores é algo que decorre da afirmação repetida por parte do Governo de que a Administração Pública tem trabalhadores a mais».

Acrescenta que «já por mais de uma vez demonstrámos que a afirmação é falsa, apresentando números que comparam a nossa Administração com outras Administrações Públicas».

Frisa que é também sabido que o Governo lançou uma campanha de reestruturação de serviços por toda a Administração «levando a uma efectiva caça às bruxas — quem não está comigo tem o posto de trabalho em perigo!». «E mesmo assim só arranjou, até à data, cerca de 1 500 trabalhadores ditos excedentários», salienta, sublinhando que «tudo isto é feito sob a capa de que o que se pretendia era colocar as pessoas no sítio certo. Só que a maior parte continua à espera da recolocação que não aparece».

«E a empresa, criada para fazer esse trabalho e promover a requalificação das pessoas o que fez foi propor a economistas e engenheiros formação que lhes daria a equivalência ao 12.º ano. Uma empresa pública criada por este Governo... só para isso», critica.

## «O que leva os trabalhadores a acotovelarem-se para se aposentarem?»

**Bettencourt Picanço** lembra que «é preciso não esquecer que somos um País pequeno, com 10 milhões de portugueses e que não tendo matérias-primas vendáveis, a nossa única esperança de sair do buraco para onde sucessivos Governos nos têm empurrado, é a massa cinzenta, é a aposta nas pessoas, na sua esperança e na sua capacidade».

«Se para reformar a Administração Pública, como alega o Governo, a medida ou as medidas resumem-se a ataques às pessoas, aos trabalhadores, colocando-os nas prateleiras e reduzindo-lhes as remunerações, então não há volta a dar porque não há motivação ou esperança possíveis», sustenta. Além disso, o presidente do STE garante que «as aposentações têm sido em média, nos últimos anos, de 24 000 por ano». «E destas 25 por cento têm sido pensões antecipadas. Pensões em que os trabalhadores, desesperados, pedem para se aposentar com menos 20 a 30 por cento da pensão!»

O que é preocupante quando se sabe que por força das novas regras de actualização das pensões a maior parte deles não vão ter as suas pensões actualizadas na medida da subida da inflação.

Perspectivando-se assim uma perda do valor real das pensões que pode atingir 2 a 3 por cento por ano», informa.

Frisa por isso que «para quem tiver uma perspectiva de vida de mais 20 anos, não deixa de ser dramático». «E, como tal, para além de ser um problema de cada um, é também uma questão social importante a que o poder político não pode fechar os olhos. Até porque para 2008 se prevê que se aposentem 23 000 trabalhadores sendo que 30 por cento destas pensões serão pensões antecipadas», prossegue.

E questiona: «o que é que leva os trabalhadores a acotovelarem-se para se afastarem dos serviços,

para se aposentarem? Como é que é possível uma situação destas, atentos os seus efeitos no País, na Administração Pública e no futuro destes milhares de aposentados com pensões que rapidamente caminharão para pensões que não responderão às necessidades dos pensionistas?».

E lamenta, dizendo: «como é possível que o Governo continue a trilhar o caminho da desmotivação dos trabalhadores, empurrando-os para fora de uma actividade em que, em relação a muitos deles, muito havia ainda a esperar».

## «Dança dos nomes dos serviços públicos com a escolha de novos dirigentes»

**Bettencourt Picanço** lembra que «é manifesto que o que temos tido é, de novo, a dança dos nomes dos serviços públicos com a escolha de novos dirigentes».

A somar a isto «temos a institucionalização de mapas de pessoal — os dirigentes escolhem os trabalhadores que ficam e os que vão para os “excedentes” — e a partir do próximo ano os mesmos dirigentes escolherão os poucos que mudarão de nível remuneratório. Se e na medida em que o Ministério das Finanças lhes disponibilizar o dinheiro necessário».

«Gestão do pessoal de acordo com regras claras para preservar a independência e o profissionalismo dos trabalhadores da Administração Pública? Para este Governo isso não é necessário!», considera, recordando que «tem vindo a ser reduzido o número de trabalhadores da Administração Pública».

«E tanto assim é que a despesa com as remunerações certas e permanentes, na Administração Central, teve uma redução de 2,3 por cento em 2006 e 2007», sublinha, dizendo que «só que nesses mesmos anos os encargos com a aquisição de serviços aumentaram, em média, 16 por cento».

O líder do STE refere ainda que «só no ano de 2007, os encargos com a aquisição de serviços nos Fundos e Serviços Autónomos tiveram um crescimento de 1 070 milhões de euros (4 363 milhões de euros em 2006 e 5 432 milhões de euros em 2007)».

«No mesmo ano a despesa com salários diminuiu 300 milhões de euros! Palavras para quê? Infelizmente não é possível medir a



«O País político vive ao som dos que pouco ou nada têm a ver com a verdade a que o Presidente da República aludiu no 5 de Outubro», diz Bettencourt Picanço

produtividade na Administração Pública», garante.

Contudo, realça que de acordo com alguns parâmetros de organizações internacionais no conjunto da sociedade portuguesa a Administração Pública «destaca-se favoravelmente». «Até porque é aí que se concentra a maior parte dos trabalhadores qualificados de Portugal», diz.

E acrescenta: «face a toda a evolução a que temos assistido e tendo em conta a actividade em que temos participado, sempre com a esperança

de conseguir ultrapassar os escolhos que sistematicamente nos vão sendo atiradas para a frente, há que constatar que o País está pior».

«A generalidade dos portugueses vive com mais dificuldades. O medo instalou-se em muitas áreas de actividade, o que há alguns anos era impensável. O País político vive ao som dos que pouco ou nada têm a ver com a verdade a que o Presidente da República aludiu no 5 de Outubro. Há, portanto, que ir mais fundo, para que possa de novo haver esperança», conclui.